

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2015 / Nº 147





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
Delegado AHIMTB/RS (DRHFPC)
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e da Delegacia Regional AHIMTB/RS Gen Francisco de Paula Cidade. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos dessas entidades, bem como da História Militar em geral e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor. Todos os direitos reservados.



EDITORIAL

Em 11 de junho de 1865, às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina, deu-se a Batalha do Riachuelo. Através dela, ficaram famosas na História Militar Brasileira as mensagens transmitidas às embarcações brasileiras pelo Almirante Barroso, pela sinalização de bandeiras, que exaltavam à vitória e delegavam a cada um a responsabilidade de combater pelo Brasil. Neste número, o Cel Caminha Giorgis, nosso Presidente no RS, apresenta uma visão da Batalha e da sua importância histórica. Como data magna da Marinha do Brasil, ela não poderia ficar ao largo dos destaques de O Tuiuti.

Para reforçar a lembrança de Riachuelo, a matéria seguinte apresenta uma rápida biografia do Almirante Barroso. A força naval brasileira era composta de 11 navios, mas no dia da batalha contava só com 9; outros dois, as canhoneiras Itajaí e Ivaí, encontravam-se destacadas em ponto distante rio abaixo. Nem por isso Barroso recuou; avançou contra os paraguaios e emitiu a ordem: "Atacar e destruir o inimigo o mais de perto que puder". O resultado, após uma luta difícil, foi a tomada da iniciativa pelos brasileiros e uma derrota fragorosa para Solano Lopez.

Por fim, nota sobre o lançamento do novo livro da AHIMTB/RS, o Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. No dia 26 de junho passado, seu lançamento contou com uma grande quantidade de membros e colaboradores da Academia, ressaltando ainda mais sua importância.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel (Editor)

CONTEÚDO

4 A BATALHA DO RIACHUELO

por Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai (1864-1870).

10 ALMIRANTE BARROSO

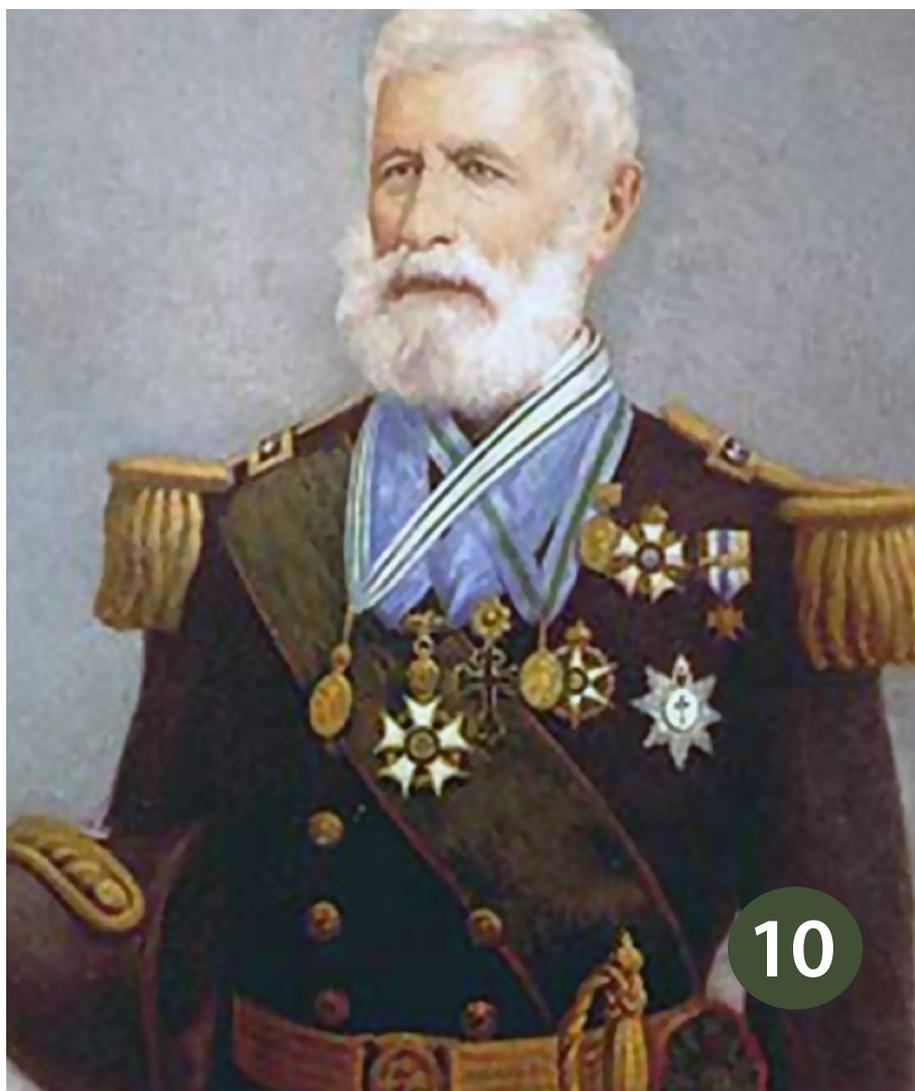
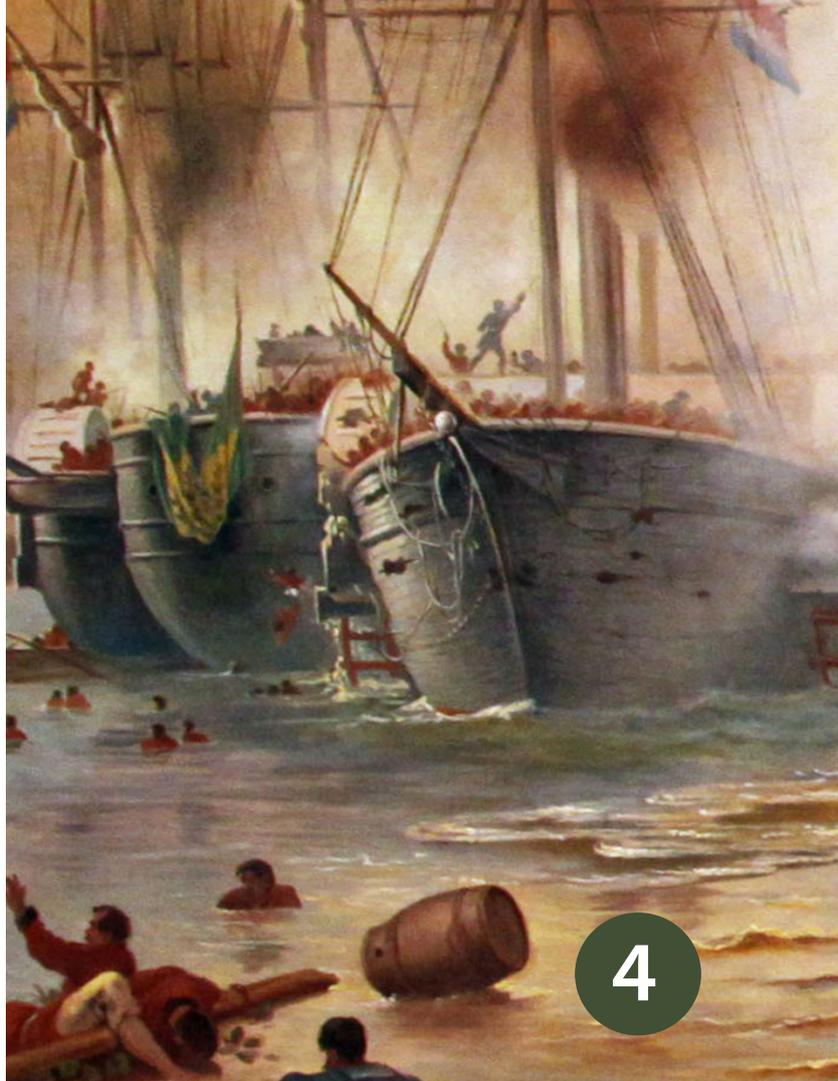
por AHIMTB/RS

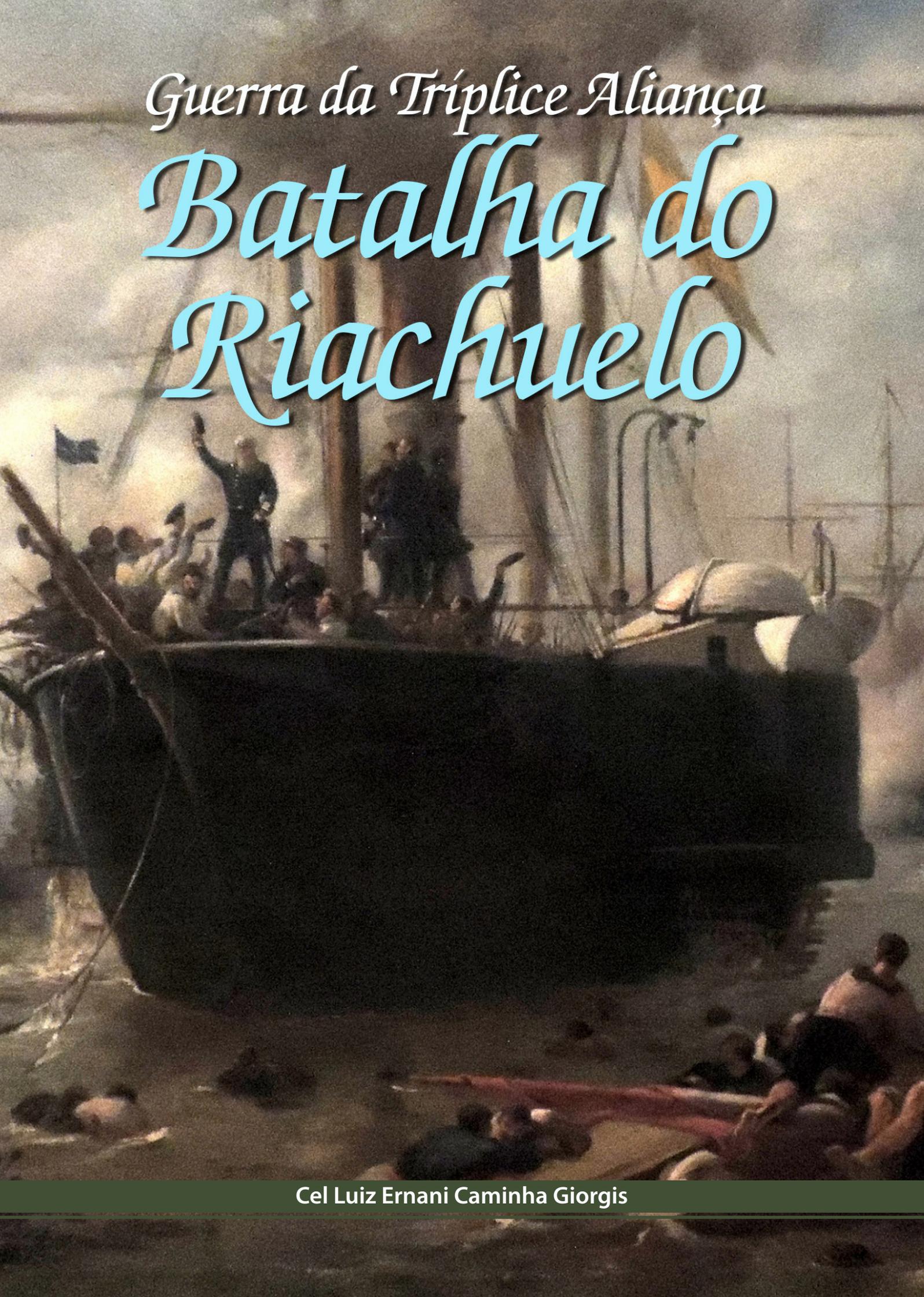
Uma rápida revisão biográfica do grande comandante brasileiro da Batalha do Riachuelo, o Almirante Barroso.

12 FEB: CRONOLOGIA

por AHIMTB/RS

Sobre o novo livro do Presidente da AHIMTB/RS, uma cronologia da FEB.





Guerra da Tríplice Aliança
Batalha do
Riachuelo

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

A Guerra da Tríplice Aliança ocorreu entre 1865 e 1870 entre as nações unidas Brasil, Argentina e Uruguai e o governo da República do Paraguai, liderada pelo Ditador-Presidente Francisco Solano López.

Solano López declarou guerra ao Brasil em 13 de dezembro de 1864, depois de apreender em Assunção o vapor brasileiro Marquês de Olinda em 11 de novembro que estava de viagem para o Mato Grosso prendendo o Governador e Comandante das Armas nomeado para aquela Província Coronel Frederico Carneiro de Campos e todos os passageiros e tripulantes.

Em dezembro do mesmo ano partia de Assunção uma expedição para a invasão paraguaia ao Mato Grosso.

Portanto, todos foram atos de extrema agressão de Francisco Solano López ao Império do Brasil. Também à Argentina o dirigente guarani declarou guerra. Em 1º de maio de 1865, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai.

A guerra não foi contra a nação nem contra o povo paraguaio e sim contra o seu governo despótico e inconsequente.

Na primeira quinzena de junho de 1865, Solano López

invadiu o território de Corrientes e em seguida invadiu o Rio Grande do Sul por São Borja, progredindo pelas margens do rio Uruguai até Uruguaiana, onde o comandante paraguaio Tenente-Coronel Antônio de La Cruz Estigarribia se rendeu aos aliados, então representados pela pessoa do Imperador Dom Pedro II.

“A GUERRA DO PARAGUAI NÃO FOI CONTRA A NAÇÃO NEM CONTRA O POVO PARAGUAIO E SIM CONTRA O SEU GOVERNO DESPÓTICO E INCONSEQUENTE.”

A Esquadra Brasileira na Época (conforme o site www.marinha.mil.br)

No início da Guerra da Tríplice Aliança, a Esquadra brasileira dispunha de 45 navios armados. Destes, 33 eram navios de propulsão mista, a vela e a vapor, e 12 dependiam exclusivamente do vento. O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (Arsenal da Corte) passara por uma modernização em meados do século XIX. Diversos navios do início da guerra foram projetados e construídos no país. Mais tarde, o Arsenal construiu também navios encouraçados para o Teatro de Operações no rio Paraguai.

Os navios brasileiros disponíveis antes dessa guerra eram adequados para operar no mar e não nas condições de águas restritas e pouco profundas que o Teatro de Operações nos rios Paraná e Paraguai exigia; a possibilidade de encalhar era um perigo sempre presente. Além disso, esses navios possuíam cascos de madeira, o que os tornava muito vulneráveis à artilharia de terra, posicionada nas margens.

A Batalha do Riachuelo

As operações da Guerra da Tríplice Aliança foram, durante a maior parte do conflito, ao longo da calha do rio Paraguai (ver imagem na página seguinte).

No caso do Brasil, conforme a Ordem do Dia nº 4, de 11 de junho de 2015, do Almirante-de Esquadra Eduardo Baccellar Ferreira, Comandante da Marinha de Guerra do Brasil o Império atribuía muita importância à região do Rio da Prata, pois a livre navegação pelos seus grandes cursos d'água permitia o acesso ao interior do País. A comunicação terrestre com a província de Mato Grosso era precária, reforçando a relevância do emprego dos rios Paraná e Paraguai para alcançá-la.

No início da guerra, portanto, as esquadras brasileira e paraguaia disputaram o controle

da bacia dos rios Paraguai e Paraná. O objetivo dos aliados foi o de manter o bloqueio do rio Paraguai. Solano López decidiu atacar a frota brasileira, então ancorada em Bella Vista, 15 Km águas abaixo da cidade de Corrientes, região da foz do Arroio Riachuelo, afluente do rio Paraná, próximo à embocadura dos rios Paraná e Paraguai.

Imaginava López desferir um golpe mortal ao Império do Brasil atacando de surpresa na madrugada do dia 11 de junho. Conforme o plano do ditador, cada navio guarani deveria abordar um brasileiro. Se algum destes conseguisse repelir a abordagem, teria sua retirada cortada pelo fogo das baterias de foguetes e canhões montadas sobre as barrancas do canal do Arroio Riachuelo.

Em 2 e 4 de junho uma bateria volante paraguaia, então localizada nas barrancas de Riachuelo, no local denominado Coluna do Riachuelo, já havia disparado contra as canhoneiras brasileiras Mearim e Iguatemi.

No domingo, dia 11, a esquadra brasileira comemorava a festa religiosa da Santíssima Trindade. Os militares se preparavam para assistir a missa. O comandante era o então Chefe-de-Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, posteriormente Almirante, que contava com uma força orga-

nizada em duas divisões, a 2ª, comandada por ele próprio, e a 3ª, comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra José Secundino de Gomensoro.

Os navios brasileiros eram: a fragata Amazonas (capitânea); as canhoneiras Iguatemi, Araguari, Mearim e Ipiranga; e as corvetas Jequitinhonha, Beberibe, Belmonte e Pamaíba.

A força tinha nove navios, 59 canhões e a tripulação era de 2.287 homens.

Por volta de 0900 h, a Mearim, que estava de "prontidão avançada", anunciou a aproximação da esquadra paraguaia, que era formada pelas corvetas Tacuari (capitânea) e Paraguari; e pelos vapores Iguaré, Iporá, Marquês de Olinda (ex-brasileiro), Jejuí, Salto Oriental, Pirabebe e Rangel. Esta frota ainda rebocava seis chatas, todas armadas como baterias flutuantes com um

canhão cada. O comandante paraguaio era o Capitão-de-Fragata Pedro Ignácio Mezza.

O ataque paraguaio sofreu atraso, e Mezza teve que iniciá-lo pelo menos três horas além do previsto.

O total de navios paraguaios era de nove, os canhões eram 44 e o efetivo era de 2.500 homens.

Nas barrancas de Riachuelo estavam instaladas ainda mais 22 peças de grosso calibre comandadas pelo Tenente-Coronel José María Bruguez e um efetivo de 2.000 homens de Infantaria comandados pelo Tenente-Coronel Aquino.

Imediatamente ao sinal da Mearim, Barroso mandou içar na nau-capitânea os sinais:

BARROSO, MB 1951-1973 v

O Cruzador Barroso (C11), batizado em homenagem ao grande Almirante. De 1936, e originário da Marinha dos Estados Unidos, atuou durante a Segunda Guerra com o nome de USS Philadelphia (CL-41).





^ JEJUI AFUNDADO

Na arte do Almirante Trajano Augusto de Carvalho, o momento decisivo da Batalha Naval do Riachuelo, quando Barroso põe a pique o Jejuí. Os paraguaios perderam cerca de 750 homens na contenda, vítimas da política de Solano Lopez.

- "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever"; e

- "Atacar e destruir o inimigo o mais perto que cada um puder".

A Batalha do Riachuelo pode ser dividida em duas fases. Conforme Hernani Donato, a frota paraguaia vinha navegando a 12 milhas por hora, com a ajuda da correnteza, em linha de batalha. Os barcos guaranis desfilaram diante dos imperiais, passando à frente da frota brasileira, ainda imobilizada, despejando suas bordadas, e foi se abrigar junto às barrancas da foz do Riachuelo, onde ficou aguardando sob a proteção dos canhões de Bruguez.

A corveta Jequitinhonha, mais próxima da linha adversária, foi mandada hostilizá-la de

imediatamente. Atacada pela artilharia de terra, ela recebeu o apoio da Parnaíba. Um tiro brasileiro furou as caldeiras da Jejuí.

Barroso determinou o ataque à esquadra inimiga às 10:50 h com a corveta Belmonte na vanguarda, buscando a inimiga nas barrancas. Mas recebeu tiros das chatas, das peças em terra e dos 2.000 atiradores. Com isso a Belmonte, sofrendo fogo cruzado, entrou no canal Riachuelo com 37 rom-

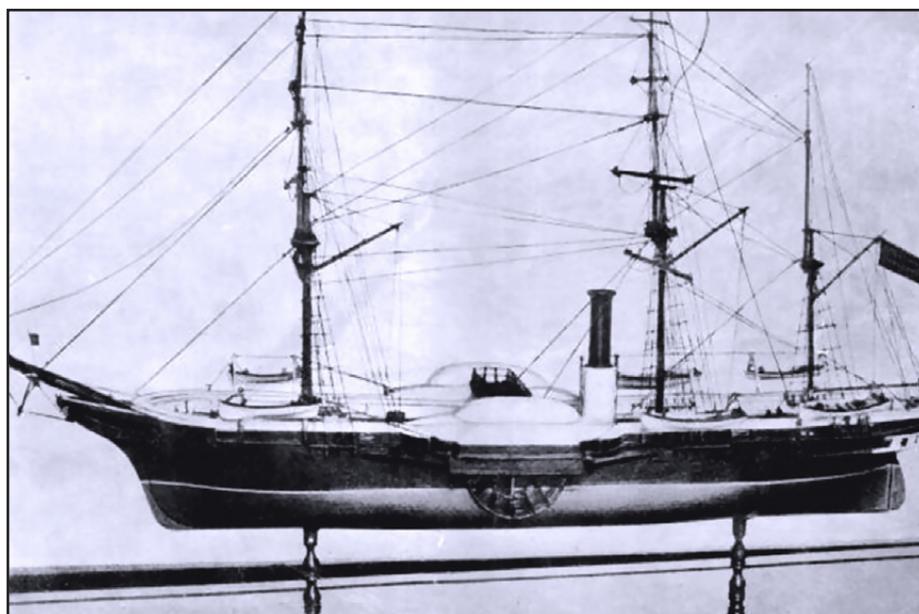
bos e incêndio a bordo, indo encalhar na Ilha Cabral.

Por sua vez, a corveta Jequitinhonha atravessou-se no meio do canal debaixo de intenso tiroteio, sendo abordada pelos navios Tacuari, Salto Oriental e Marquês de Olinde, mas logrando rechazar a abordagem.

A Parnaíba, desejando socorrer a Jequitinhonha, esbarrou em um banco e viu-se obrigada a manobrar as velas. Terminava essa manobra quando foi abordada pelo Salto Oriental, pelo Tacuari e pelo Paraguari. Escolheu a este como primeiro adversário, indo sobre ele, desarvorando-o e obrigando-o a encalhar na Ilha Palomera, onde foi abandonado. Entrementes, os outros dois

AMAZONAS v

Maquete da Fragata de rodas Amazonas. Um plano de aquisição na Inglaterra, o chamado programa de 1850, estabelecido no decreto 667 de 26 de janeiro daquele ano, trouxe novos navios ao Brasil.



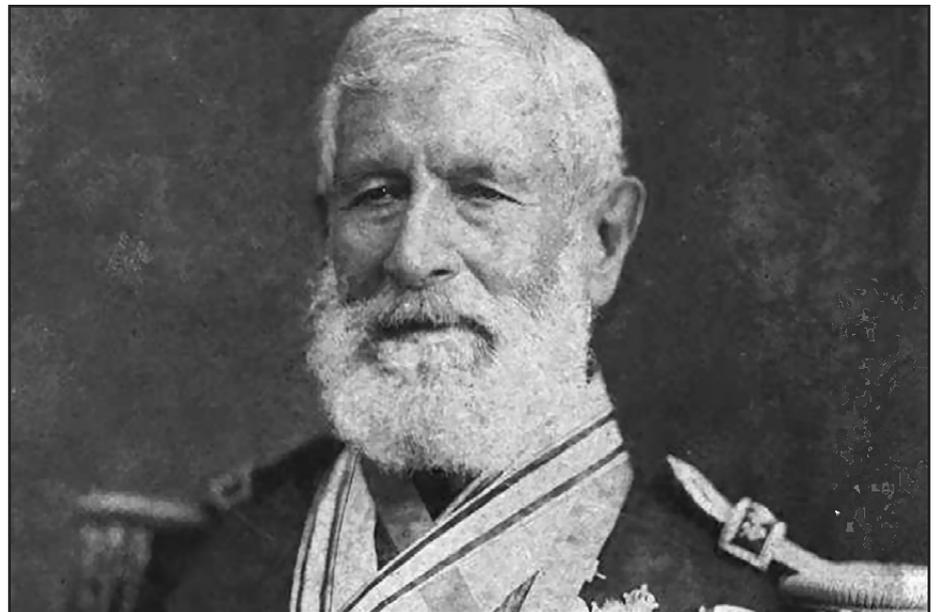
navios abordantes e mais o Marquês de Olinda alcançaram colocar aproximadamente 500 homens nos tombadilhos, impondo à tripulação da Parnaíba uma luta desigual. Morrem o guarda-marinha João Guilherme Greenhalg, o marinheiro Marcílio Dias, os oficiais Pedro Afonso e Feliciano Maia. Em socorro do barco quase apesado, acorrem a Amazonas, a Beberibe e a Mearim. Juntas, repelem o assalto. Greenhalg morre em defesa do pavilhão brasileiro.

Terminava a 1ª fase, com maus resultados para os brasileiros. Mas o Almirante Barroso, após descer o rio, faz a volta com os seis navios restantes e retorna para Riachuelo.

Barroso manda então subir o sinal de:

"Sustentai o fogo que a vitória é nossa".

E então executa a manobra decisiva para o sucesso da jornada: exigindo o máximo das máquinas da fragata Amazonas (ao lado), usa-a como aríete para afundar o Jejuí, o Marquês de Olinda e o Salto, os quais, desistindo da abordagem à Parnaíba, procuraram abrigo debaixo das baterias de terra. O comandante paraguaio Mezza, com um ombro ferido, ordena a retirada. Os quatro navios restantes subiram o rio perseguidos pela Araguari. Até o pôr-do-sol a artilharia da esquadra bateu,



A VITÓRIA É NOSSA! ^

Em 11 de junho de 1865, Francisco Manoel Barroso foi o responsável pelo grande feito do Brasil na Batalha Naval do Riachuelo. À época, o militar comandava a esquadra brasileira e promoveu uma virada no combate ao içar as históricas bandeiras.

silenciando-os, os canhões das barrancas e as chatas. Terminava a 2ª fase com absoluto sucesso para as armas brasileiras.

À última luz, foi dado à sepultura o marinheiro Marcílio Dias.

"Lutando sozinho no convés, com uma única espada consegue sustar a abordagem por um rombo feito no casco. Até a tarde vai resistindo na luta corporal. É atacado de uma vez por quatro inimigos, consegue matar dois. Um dos restantes, mata-o."

Baixas brasileiras: 247, sendo 104 mortos. Paraguaio: 1.500, das quais mais de 700 mortos.

Em 12 de junho, em Riachuelo, ainda houve um duelo entre as baterias paraguayas dos barrancos e as canhoneiras Mearim e Araguari, mandadas recolher gente e encravar os canhões da corveta Jequitinhonha, encalhada durante a batalha da véspera em banco de areia.

Missão cumprida, os barcos se incorporaram à esquadra, levando cinco mortos e oito feridos.

Conforme Fernando De Martini (www.podernaival.com.br), a Marinha Brasileira vinha observando os combates na Guerra Civil dos EUA (Guerra de Secessão) desde 1862, quando houve a Batalha de Hampton Roads, onde enfrentaram-se o encouraçado confederado Virgínia (ex-Merrimack, uma fragata de madeira a vapor que foi apreendida pelos sulistas e modificada com a instalação de uma casa-mata encouraçada) e o encouraçado Monitor, da União.

Combates desse tipo mostraram que os navios da época eram indefesos numa situação de bloqueio contra novos encouraçados, mesmo improvisados, como era o caso do



^ ESFORÇO BRASILEIRO

No combate fluvial entre as esquadras brasileira e paraguaia, houve a disputa pelo controle da bacia dos rios Paraguai e Paraná. A vitória naval brasileira ajudou a tirar os paraguaios da ofensiva e transferir a iniciativa à Tríplice Aliança.

Virginia. A luta terminou sem vencedor nem derrotado.

Conclusões

A Batalha do Riachuelo foi um dos maiores confrontos da História da Marinha de Guerra do Brasil. Foi também uma das mais significativas, mercê da sua importância e projeção no futuro da Guerra da Tríplice Aliança.

Com efeito, após a batalha a Armada Imperial consolidou-se como a mais bem aparelhada das nações do cone-sul da América. Diferente disso não poderia ser, inclusive face ao enorme litoral debruçado no Atlântico que cabe às forças navais brasileiras defender. Raciocínio extremamente válido para os dias atuais.

As consequências da Batalha do Riachuelo foram as seguintes;

- o domínio absoluto do rio Paraguai pela esquadra brasileira;

- o isolamento do Paraguai por via fluvial;

- a sustação completa do avanço da coluna paraguaia do Gen Wenceslau Robles que, desobedecendo as ordens de López, permaneceu imóvel em lugar de marchar rumo ao Uruguai em face de ter ficado com o flanco esquerdo desprotegido;

- a segurança das tropas aliadas para a transposição do rio Paraná em 16 de abril de 1866

com o auxílio da esquadra imperial;

- esquadra paraguaia praticamente aniquilada, sem nenhuma participação relevante no conflito; e

- ficou garantido o bloqueio que impediria que o Paraguai recebesse armamentos do exterior, inclusive os encouraçados que encomendara na Europa.

Referências:

DONATO, Hernani. Dicionário das Batalhas Brasileiras. São Paulo: IBRASA, 1986.

DE MARTINI, Fernando. Para lutar, é preciso se equipar (disponível em www.podernaval.com.br).

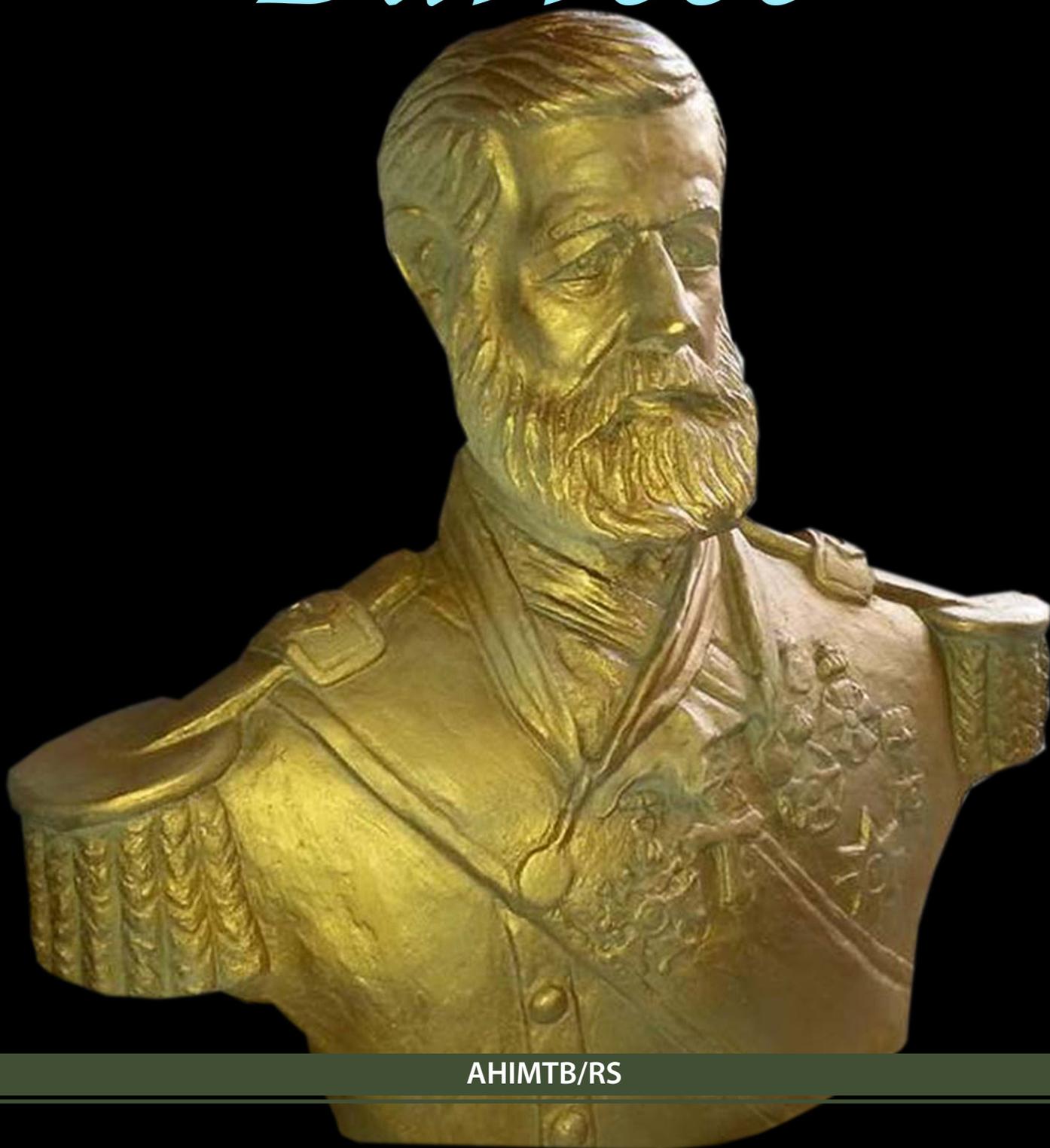
BORMANN, José Bernardino, Marechal. História da Guerra do Paraguai. Curitiba: Jesuíno Lopes, 1897.

SOBRE O AUTOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo O Tuiuti, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória militar brasileira.



Guerra da Tríplice Aliança
**Almirante
Barroso**



AHIMTB/RS

O Chefe-de-Divisão Francisco Manoel Barroso da Silva, depois Almirante e Barão do Amazonas, comandou a Força Naval brasileira que, por sua coragem e capacidade de improvisação, venceu a Batalha Naval do Riachuelo. Este ano, em 29 de setembro, comemoram-se seus duzentos anos de nascimento.

Francisco Manoel Barroso da Silva nasceu em Lisboa em 1804; veio para o Brasil, com seus pais e a Família Real portuguesa, chegando ao Rio de Janeiro em 1808.

Ingressou como Aspirante na Academia de Marinha em 1821. Como Guarda-Marinha e, depois, como Tenente, lutou na Guerra da Cisplatina, a bordo de navios da Marinha Imperial brasileira. Participou de diversos combates.

Atuou na repressão à Revolta da Cabanagem, na Província do Pará, e da “Guerra dos Farapos”, no Sul, durante o Período Regencial.

Comandou diversos navios, inclusive a Corveta Baiana, em uma viagem de instrução no Oceano Pacífico.

Comandou a Estação Naval de Pernambuco; depois, já como Oficial-General – Chefe-de-Divisão (posto que correspondia ao de Comodoro, em outras Marinhas), comandou a Estação Naval da Bahia e, mais tar-

de, a Divisão Naval do Rio da Prata.

Participou da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, operando no Rio Paraná e, depois, no Rio Paraguai, até a Batalha de Curupaiti. Comandou a Força Naval brasileira que venceu, em 11 de junho de 1865, a Batalha Naval do Riachuelo, no Rio Paraná. A vitória foi alcançada graças à coragem e à iniciativa de Barroso, que, após conseguir sair da armadilha montada pelos paraguaios, nas proximidades da foz do Riachuelo, com canhões e tropas na margem do rio, e navios e chatas artilhadas, retornou ao local e empregou a Fragata Amazonas, sua capitânia, para abalar e destruir navios inimigos. A esquadra paraguaia foi praticamente aniquilada, não tendo mais papel relevante nessa guerra; manteve-se o bloqueio que impediu o Paraguai de receber armamento e, até, os navios encouraçados que encomendara no exterior; e as tropas paraguaias retrocederam para dentro do território do Paraguai, por verem seu flanco e sua logística, em território invadido, ameaçados.

Deixou o serviço ativo como Almirante e fixou residência em Montevidéu, no Uruguai, onde faleceu, em 1882.

Barroso faz parte, portanto, de uma geração que se desta-

cou pela competência e bom êxito alcançado, em uma fase da História do Brasil que foi fundamental para que as gerações atuais herdassem este País de proporções quase continentais, com riquezas invejáveis e uma cultura única. Isto, obviamente, não aconteceu por acaso. Foi resultado de muito esforço e dedicação de pessoas, como ele por exemplo, muito capazes.

Barroso era um “homem do mar”, o paradigma do comandante de navio veleiro do século XIX, que passara boa parte de sua vida pisando num convés. Era austero, objetivo e disciplinador. Tamandaré o tinha como amigo e o manteve como seu Chefe de Estado-Maior das Forças Navais em Operações no Rio da Prata, de abril de 1865 a dezembro de 1866.

(Fonte: www.mar.mil.br)



Nova Obra da AHIMTB/RS



O novo livro do Cel Caminha já está pronto para ser distribuído. O assunto é a Campanha da FEB na Itália, e cobre cronologicamente todas as fases do processo de formação da Força Expedicionária.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)** foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A **AHIMTB/RESENDE** – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A **AHIMTB/Distrito Federal** – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A **AHIMTB/Rio de Janeiro** – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A **AHIMTB/Rio Grande do Sul** – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis;

- A **AHIMTB/São Paulo** – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, a publicação será exibida na forma projetada. Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibição da Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço digital www.nucleomilitar.com

Apoio à FAHIMTB:





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

